

Por que e para que estudar história da enfermagem?

Recebido em: 23/05/2012
Aceito em: 30/01/2013

Taka Oguisso¹
Paulo Fernando de Souza Campos²

Reflexão sobre a utilidade da História da Enfermagem na formação profissional. Analisa questões relativas à importância de estudos interdisciplinares no âmbito da arte e da ciência do cuidado, abordando aspectos inerentes à identidade profissional do enfermeiro e estratégias de ensino para desenvolver o interesse por essa temática.

Descritores: História da Enfermagem, Formação Profissional, Interdisciplinaridade.

Why to study History of Nursing and what is it for?

Reflection on the usefulness of subject History of Nursing in the professional qualification. This work reviews some questions related to the importance of interdisciplinary studies as regards the art and science of care, approaching aspects that are inherent to the professional identity of the nurse and teaching strategies in order to develop the interest in such theme.

Descriptors: History of Nursing, Professional Qualification, Interdisciplinarity.

¿Por qué y para qué estudiar historia de la enfermería?

Reflexión sobre la utilidad de la Historia de la Enfermería en la formación profesional. Analiza cuestiones relativas a la importancia de estudios interdisciplinarios en el ámbito del arte y de la ciencia del cuidado, abordando aspectos inherentes a la identidad profesional del enfermero y estrategias de enseñanza para desarrollar el interés por esa temática.

Descritores: Historia de la Enfermería, Formación Profesional, Interdisciplinaridad.

INTRODUÇÃO

Houve um tempo em que parecia ser suficiente contar a história como uma simples sucessão de acontecimentos, com nomes de personagens considerados heróis ou heroínas ou como uma reflexão abstrata de filósofos, sociólogos e pensadores. Assim, as últimas abordagens sobre o conteúdo dos Cuidados de Enfermagem, suas características e elementos, têm feito, indiretamente, do professor de História da Enfermagem, uma peça chave e indispensável para a formação dos futuros enfermeiros⁽¹⁾. Também a interiorização dos postulados atuais como a interdisciplinaridade está relacionada com a ampla compreensão das atividades experimentadas ao longo do tempo, que exige investigar o passado.

Esta matéria, entendida basicamente como uma justaposição de meros dados descritivos e cronológicos, dentro de um sistema de referências no currículo mínimo de enfermagem, trata hoje de explicar seu sentido, incorporando a renovação epistemológica e metodológica da história, com suas diferentes teorias, para incluir essa concepção dinâmica, reflexiva e estrutural do passado como necessária à formação e orientação profissional. Recuperar a memória e estudar História da Enfermagem capacita o saber ser

enfermeiro, dotando o profissional de competências imperiosas à administração dos serviços de enfermagem, gerenciamentos de conflitos, destituição de mitos, racismo, preconceitos e intolerâncias que, muitas vezes, emperram o desenvolvimento da assistência de enfermagem.

A aproximação entre Enfermagem e História, nessa concepção, permitiu problematizar o passado da profissão, ou seja, analisar a História da Enfermagem em seus contextos múltiplos, percursos diversos e diferentes personagens, ilustres ou anônimos. O apaixonante caminho dos feitos historiográficos, isto é, das construções científicas em relação ao estabelecimento dos feitos, indica múltiplas linhas de investigação, nas quais o diálogo entre diferentes saberes torna-se imprescindível.

IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS INTERDISCIPLINARES NA ENFERMAGEM

Interdisciplinaridade, multidisciplinaridade ou trabalho integrado são termos muito presentes nas discussões sobre política e programas das agências de fomento de pesquisa

1 Enfermeira Titular da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (aposentada). Líder do Grupo de Pesquisa História e Legislação da Enfermagem – ENO/EEUSP/CNPq. E-mail: takaoguisso@usp.br.

2 Doutor em História. Programa de Pós-Doutorado da Universidade de São Paulo, Departamento de Orientação Profissional, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Historiador do Grupo de Pesquisa História e Legislação da Enfermagem – ENO/EEUSP/CNPq. Bolsista FAPESP



e, também, na justificativa da reformulação de currículos nas instituições de ensino, afirma Krasilchik⁽²⁾. Como a base da organização escolar no Brasil, em todos os níveis, está alicerçada em disciplinas, essa tendência pode envolver uma profunda transformação, desde a estrutura curricular em nível fundamental até a universidade.

Interdisciplinaridade implica superar e renunciar o isolamento acadêmico dos grupos com perfil reconhecido⁽²⁾, como é o caso da enfermagem. As forças enraizadas nas disciplinas tradicionais resistem e antagonizam tendências interdisciplinares, invocando as mais variadas razões, como a questão da competência específica, e criando, assim, verdadeiros guetos, que impedem mudanças demandadas pela ciência e pela sociedade.

Um dos aspectos que impedem o desenvolvimento do trabalho interdisciplinar reside no fato de se considerar estudos interdisciplinares menos dignos de respeito científico, desmerecendo outros campos do conhecimento, como ocorre ainda com a História da Enfermagem. O núcleo maior das pesquisas em enfermagem, realizadas ao longo de sua trajetória, superestimou o conhecimento especializado, valorizado pelo modelo biomédico, como atesta a produção decorrente. Seu resultado moldou a formação profissional, que desconsidera aspectos sociais e culturais como inerentes ao processo saúde-doença.

A proposta de renovação implica em reavaliar a posição do enfermeiro no âmbito da sociedade mais ampla, bem como os alcances do objeto específico da enfermagem – o cuidado. Ao incluir novas perspectivas de análise no conjunto das ações de promoção, proteção, recuperação da saúde, assim como de prevenção de doenças e reabilitação de incapacitados, a pesquisa em história da enfermagem amplia a função social do enfermeiro, legitima sua identidade e consolida seu exercício profissional. Tal configuração encontra ressonância em estudos interdisciplinares, pois a recuperação histórica (como a sociológica, antropológica e econômica) dos indivíduos e coletivos interfere positivamente na formação de políticas de saúde, redimensionando intervenções e a própria assistência de enfermagem.

De toda forma, a resistência em ampliar o conhecimento e alargar as fronteiras tem impedido alcançar os benefícios da pesquisa interdisciplinar. Profissionais acostumados a pensar apenas no âmbito restritivo de suas especialidades e competências técnicas (saber fazer) tendem a se tornar ultrapassados, na medida em que novas demandas sociais exigem ampliação dos respectivos objetos de estudo para além do alcance específico das áreas clássicas do conhecimento. Sufocados pela objetividade incontestável dos números, estatísticas e projeções quantitativas, estudos dessa natureza tornam-se estanques, esquemáticos, compartimentalizados. Eficazes do ponto de vista técnico, tais abordagens não

dimensionam o qualitativo inerente. Assim, comodismo e manutenção do poder obstruem a reformulação de tais práticas.

A História da Enfermagem, área de sobreposição temática, na qual os limites entre os saberes não estão claramente demarcados, constitui um dos núcleos nos quais os enfermeiros podem operar com segurança, sem criar reações adversas ou encontrar barreiras para atuar de modo interdisciplinar. Mesmo havendo interface entre dois grandes eixos (História e Enfermagem), a matéria permite que profissionais se reconheçam, se aceitem e trabalhem em sintonia, criando verdadeira simbiose com mútuos benefícios.

Outra tentativa de congregar pesquisadores, que pretendem avançar além do limite demarcado tradicionalmente como pertinente a um determinado campo de estudo, é constituir núcleos ou centros interdisciplinares, com equipes multiprofissionais. Ao desenvolverem estudos em parceria, e se retroalimentarem, os profissionais redimensionam aspectos fundamentais como reconhece a OMS⁽³⁾ ao redefinir o sentido atribuído à saúde, que passou a ser avaliada não mais pela ausência de doença.

“A História da
Enfermagem também é
uma disciplina profissional
e peculiar, pois é ensinada
apenas nos cursos de
enfermagem”

HISTÓRIA DA ENFERMAGEM E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A força da influência de disciplinas como História da Enfermagem na formação profissional não pode ser medida apenas pela carga horária de seu conteúdo, embora se observe que disciplinas ditas “profissionais e nobres” (como Enfermagem Médico-Cirúrgica ou Materno-Infantil) assumam cada vez mais espaço dentro do currículo. A História da Enfermagem também é uma disciplina profissional e peculiar, pois é ensinada apenas nos cursos de enfermagem.

Quando se escreve a história de uma profissão, cai-se facilmente na tendência de buscar suas origens no passado mais remoto da humanidade. Tendência mais comum é enfatizar a profissão por intermédio de virtudes como bondade, paciência, dedicação, abnegação e atitudes de passividade como obediência, submissão, respeito ao médico e outros superiores e instituições. Tais imagens derivavam respectivamente de aspectos históricos distintos: a imagem mais primitiva da enfermeira era a de alguém que prestava cuidado simples e maternal e a do médico era a de homem respeitado, superior, graças a seus conhecimentos especiais.

No processo de busca por uma identidade, é difícil saber o que efetivamente delimita uma profissão. Ao discutir o presente e o futuro do profissional enfermeiro é necessário definir o núcleo da profissão de forma clara, incontestável e aceita por todos os pares, sem sofismas e silogismos, definindo-se o enfermeiro pelo que ele é e não pelo que faz. Muitas vezes, definições mais complicadas do que explicam os significados e alcances de uma profissão. No caso da enfermagem, a preocupação pelo cunho científico e tecnológico acabou por dar uma exagerada



primazia aos aspectos puramente técnicos e profissionais, esquecendo-se de aspectos sociais e até vocacionais, como interesse pelo ser humano e desejo de servi-lo em qualquer situação de saúde ou doença e, especialmente, em situações de necessidade ou dependência.

A noção de identidade implica na atribuição de significados que respaldam os entendimentos e as interpretações que as pessoas têm de si mesmas, do grupo a que pertencem ou do que consomem. Quando pensamos em enfermagem ou enfermeiro, evocamos códigos, imagens, representações que, dadas a priori, nos permitem reconhecer pessoas, abstrair conceitos, visualizar lugares, paisagens e legitimá-las como tal. A perspectiva faz pensar que identidade é ao mesmo tempo algo mutante, mutável, revelada não apenas pela inexorável condição biológica que torna as pessoas únicas, mas também pela cultura, profissão e estilo de vida adotado.

Constatações permitem considerar que a noção de identidade fabrica o outro, pois forja comportamentos, produz reações e representações. Nessa perspectiva, é possível supor que a identidade, ao mesmo tempo em que confere unicidade, pode ser excludente, discriminatória e intolerante, na medida em que refuta experiências adversas, contrárias às preconizadas como ideais. Conforme aponta Roger Chartier⁽⁴⁾ (1991, p. 17), representações são construções que visam fins específicos. Portanto, não podem ser analisadas como discursos neutros, pois produzem práticas que legitimam determinados projetos. O autor ressalta que “...embora aspirem à universalidade [as representações] são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forjam”.

Transposta para o social, a racionalidade que define identidade, invariavelmente determina trajetórias, elimina singularidades e acontecimentos por considerá-los pouco informativos, efêmeros, ordinários, manipulando opiniões e a escrita da história. A imposição de uma identidade pode, nesses termos, cristalizar representações acerca do que se pretende alcançar, mas também do que lhe é contrário. Nessa medida, passa a identificar aquilo que não é ou que é adverso, abjeto, sobretudo por não se coadunar com a ordem assumida como verdadeira ou ideal.

POR QUE E PARA QUE ESTUDAR HISTÓRIA DA ENFERMAGEM?

Como afirma Linaugh⁽⁵⁾, para compreendermos a História da Enfermagem é necessário olhar para trás e enxergar à frente. A vida também pode ser assim entendida, com o olhar no passado e vivendo-se com vistas no futuro. O ser humano sabe que nascimento, doença, acidente, envelhecimento e morte são experiências inevitáveis. Para preservar vidas individuais e estabilidade social, o enfermeiro é encarregado de ajudar as pessoas em momentos de dependência. Tal função pertencia

inicialmente às famílias – unidade estrutural básica da vida social. Em algumas culturas, certos aspectos do trabalho de cuidar eram atividades de pessoas não pertencentes a essa estrutura familiar, usualmente grupos religiosos ou caritativos. Não se tem registros da época ou do local onde teve início a enfermagem secularizada e formal – ou seja, uma delegação ampla e sistemática de atividades de enfermagem a um trabalhador estranho à família até o século XIX. A partir da década de 1830 e sobretudo nas décadas subsequentes, as pessoas começaram a confiar em cuidadores para as famílias em períodos de doenças, especialmente nas sociedades do mundo ocidental. Entre 1860 e 1880, a ideia de entregar parte do trabalho do cuidar no âmbito doméstico familiar para alguém que se encarregasse de cuidar em um local mais apropriado, como o hospital, começou a se firmar, dando início a novas instituições e novas ocupações.

Experiências sobre a moderna enfermagem surgiram inicialmente na Alemanha e depois na Inglaterra, França, Estados Unidos e Canadá, no Hemisfério Norte. A rápida industrialização das economias, em que países necessitavam de trabalhadores nas fábricas, minas e comércio, constituiu terreno fértil para mudanças. Com o início do êxodo do campo e vilarejos rurais para as periferias das cidades, os modos tradicionais de vida e de cuidado com doenças e nascimentos foram abandonados ante as circunstâncias urbanas. Assim, afirma Linaugh⁽⁵⁾, a industrialização e a urbanização ajudaram a “inventar” a enfermagem tal como é conhecida hoje. No século XIX, enfermeiras americanas basicamente cuidavam de doentes nos hospitais provendo alimentação, cuidados de higiene pessoal e do ambiente das enfermarias, além de administração de medicamentos. Criaram rotinas hospitalares para facilitar a execução das prescrições médicas, persuadindo esses profissionais a trazerem os pacientes para os hospitais em vez de deixá-los aos cuidados das famílias em suas casas. No campo hospitalar, a enfermagem encontrou seu lugar, simbolizando uma moderna solução para os problemas do cuidar de pessoas, embora ainda como atividade doméstica. Somente com educação formal específica as mulheres tiveram, enfim, oportunidade de realizar um trabalho útil e remunerado, que as libertariam da dependência familiar.

No Brasil, também os doentes eram cuidados como ato de caridade cristã por religiosos ou como obrigação, por escravos e índios, e não dentro de uma perspectiva profissional, com direito à remuneração. Tais pessoas eram consideradas pejorativamente atendentes de enfermagem ou cuidadores, e não enfermeiros. Foram autoridades ou a literatura que lhes deu o título de enfermeiros (as), como no caso de Francisca de Sande, Frei Fabiano de Cristo, Anna Nery⁽⁶⁾ e Maria José Barroso, chamada pelos soldados de Maria Soldado, a negra que cuidou dos combatentes feridos na Revolução

“Constatações permitem considerar que a noção de identidade fabrica o outro, pois forja comportamentos, produz reações e representações”



Constitucionalista de 1932, em São Paulo. É preciso dar o devido valor a essas figuras que, em seu tempo e lugar, souberam prestar os cuidados necessários e dar alívio aos sofrimentos do próximo, fazendo o que hoje constitui verdadeiramente o núcleo da enfermagem⁽⁷⁾. Ainda que de forma empírica e sem o preparo hoje possível, aquelas pessoas exerceram enfermagem efetivamente, com honestidade e desvelo, e merecem o respeito dos enfermeiros.

Todos esses personagens foram chamados enfermeiros, pois não havia no Brasil enfermeiros na concepção atual de formação, com escolaridade e preparo técnico⁽⁶⁾. Eram pessoas que cuidavam empiricamente de doentes. Foram pré-profissionais de enfermagem e se dedicaram aos feridos ou doentes.

Conhecer esse passado mais remoto da História da Enfermagem implica em abrir a mente e descobrir o período pré-profissional com fatos, ritos e situações para se repensar e reavaliar sobre aqueles que, na obscuridade e anonimato, faziam a tarefa que hoje é executada por profissionais da enfermagem⁽⁶⁾.

Conhecendo melhor esses personagens, os profissionais devem reconhecer que eles fizeram com dedicação muito mais do que seria de se esperar, considerando-se as precariedades da época. Isso tudo deve ajudar as novas gerações a compreenderem que a História da Enfermagem constitui um campo de conhecimento necessário e indispensável para fundamentar sua própria prática profissional, e dar diretrizes que possam elevar ainda mais a profissão, tornando-a cada vez mais respeitada e valorizada em todos os campos da vida social.

COMO ENSINAR HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

Houve uma época em que o processo seletivo de estudantes de enfermagem se completava com uma entrevista com a própria diretora da escola, que procurava identificar na candidata a existência de vocação para ser enfermeira – algo detectado pelos motivos que a teriam levado a buscar a enfermagem. Ainda que empírica, uma diretora habilidosa era capaz, através da entrevista, de identificar a força, o interesse e a disposição dessa candidata de enfrentar desafios. Acreditava-se que as selecionadas teriam predisposição e vontade de se dedicar à profissão e que iriam amar a enfermagem, defendê-la por ser “sua profissão” e, sobretudo, ter orgulho de ser enfermeira.

Hoje, com os testes objetivos classificatórios dos exames vestibulares realizados coletivamente para milhares de candidatos, não cabe mais aquela seleção artesanal, de entrevistar um a um. Assim, no contexto atual, os que adentram uma escola de enfermagem vão buscando por si próprios as respostas aos seus apelos, sentimentos e tendências, muitas vezes ainda carregados de dúvidas. Mesmo os testes vocacionais nem sempre indicam com certeza o caminho mais adequado.

É nesse campo que um professor de História da Enfermagem pode fazer a grande diferença, ajudando, com entusiasmo

e vibração, a transmitir o conteúdo da profissão relativo ao passado, à dinâmica de fazer o aluno ingressante participar e viver a situação presente e, principalmente, pensar na construção de um futuro desejável. Como fazer isso?

Resultados derivados de pesquisas interdisciplinares têm comprovado a eficácia das interpretações, inclusive, por destruir mitos fundadores, revisar conteúdos herméticos e ampliar horizontes do conhecimento. A prática profissional poderia ser desenvolvida nos Centros Históricos de Enfermagem por meio de visitas ou práticas de cuidados utilizando-se documentos históricos sobre a memória da profissão ou de profissionais.

Igualmente, o conteúdo de História da Enfermagem não deveria ser localizado em qualquer período de forma aleatória, onde couber ou onde “sobrar” espaço para uma carga horária geralmente pequena. O ideal mínimo seria em torno de 30, 40 ou 60 horas. Mesmo que ministrada dentro de uma disciplina maior como módulo, é importante que se assegure um mínimo de tempo razoável que permita a discussão das

“Estratégias de ensino são importantes porque os alunos precisam saber a situação atual da enfermagem que pode ser narrada pelo professor”

três abordagens: passado, presente e futuro. Localizado esse conteúdo no início do curso, ele constituirá o primeiro contato do estudante com uma escola de enfermagem, o que pode ser fundamental, principalmente para aquele aluno-calouro ainda em dúvida sobre a opção feita. Nesse momento, encontrar um professor de História da Enfermagem dinâmico e entusiasmado, que mostre os caminhos percorridos pelos precursores

da enfermagem no mundo e no próprio país, os feitos das pioneiras da enfermagem, suas lutas e conquistas, a situação atual da profissão e as perspectivas para o futuro, poderá ajudar esses alunos-calouros a encontrarem seus próprios caminhos.

Estratégias de ensino são importantes, pois além de conhecer a história dos fundamentos da profissão e sua institucionalização, os alunos precisam saber a situação atual da enfermagem que pode ser narrada pelo professor. Mas o aluno pode participar ativamente, saindo da sala de aula para a rua para entrevistar transeuntes anônimos, perguntando a eles o que pensam sobre enfermagem e como definiriam o enfermeiro. Essa atividade poderia ser realizada ao final da aula, após o professor dar orientações sobre como abordar o transeunte antes de fazer as perguntas. Não importa saber nomes dos entrevistados, mas sim a profissão ou ocupação. À resposta de que estão aposentados ou desempregados, devem identificar ocupações que desempenhavam antes da aposentadoria ou desemprego, para conhecer o nível de escolaridade. Essa informação é importante para excluir médicos ou enfermeiros das entrevistas, pois obviamente eles dariam opinião técnica que não seria objeto de estudo. A idade exata também não é objeto de estudo, pois se trata de pergunta dispensável e nem todas as pessoas estão dispostas a responder. Bastaria identificar como jovem, adulto ou idoso. Excluem-se familiares, parentes próximos e afins, que poderiam dar as respostas desejadas pelo entrevistador.



Quando realizada no intervalo das aulas nos arredores da escola, os entrevistados serão desconhecidos. Os alunos devem ser solicitados a descrever em um parágrafo a reação da pessoa abordada em cada entrevista. Dados coletados são tabulados e discutidos com os alunos na aula seguinte, analisando-se o conjunto das respostas para traçar o perfil do enfermeiro na visão popular das pessoas entrevistadas. Essa seria a realidade a ser trabalhada não só pelos alunos, mas até pelas lideranças locais da enfermagem, através de CORENs ou ABEns.

Estudados o passado e o presente da enfermagem, resta discutir o futuro da profissão, que dependerá muito do que as entidades de classe da profissão estão propondo fazer, mas também de cada um dos profissionais, atuais e futuros, que esses alunos representam. Daí a importância de discutir propostas que entidades apresentam coletivamente para a enfermagem e, sobretudo, discutir os pontos positivos resultantes dos dados coletados pelos alunos que precisam ser reforçados, sem deixar de lado os negativos, que devem ser serem trabalhados. Um exercício interessante é fazer os alunos pensar num futuro distante, daqui a 20 ou 30 anos, quando atuais alunos seriam profissionais maduros ou estariam se aposentando, e pedir que escrevam uma carta-testamento, contando como a enfermagem era vista e como eles trabalharam para mudar a visão da profissão. Para descrever essa suposta atuação que teria no futuro, o aluno mostra inconformidade com a situação presente, ao mesmo tempo em que busca soluções para tornar a profissão mais valorizada. Para isso ele mesmo indicará a

necessidade de engajar-se em órgãos da classe ou assumir posições de liderança no campo social, político ou comunitário. Importante mostrar que o futuro não é algo a ser simplesmente que venha a acontecer, ou que possa ser previsto, mas que pode e deve ser construído para que aconteça.

Estudantes são extremamente criativos e idealistas e muitas surpresas podem ser esperadas. Para tanto, o professor de História da Enfermagem deve ser, antes de tudo, alguém muito autêntico e sincero, conhecedor profundo do conteúdo da matéria pois, querendo ou não, poderá ser tomado como modelo profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o passado da enfermagem e seu desenvolvimento torna-se útil na medida em que o reconhecimento das origens da profissão e suas raízes histórico-culturais operam na qualificação profissional, e estimulam competências não restritas à técnica, mas à humanização do cuidado – fator indispensável para a construção de uma sociedade mais justa, base para políticas públicas de saúde.

Como afirma a Associação Americana de História da Enfermagem⁽⁸⁾, a História da Enfermagem deve ser incluída como área específica no currículo de graduação e pós-graduação, pois seu conteúdo permite reflexão crítica sobre o significado da profissão, consubstancia o sentido atribuído ao seu exercício e legitima a identidade profissional, provendo enfermeiros e estudantes de enfermagem de competências cognitivas, que ampliam o conhecimento dos fenômenos consoantes à saúde-doença.

Referências

1. Conesa JH, Calatrava PM. Historia de la enfermería - un análisis histórico de los cuidados de enfermería. Madrid, Espana: Interamericana/McGraw Hill; 1995.
2. Krasilchik M. Interdisciplinaridade: problemas e perspectivas. Rev USP. 1998;1(39):38-43.
3. Organización Mundial de la Salud. Constitución. Definición de salud. 29ª ed. Ginebra: OMS; 2002.
4. Chartier R. O mundo como representação. Estud Av. 1991;5(11):173-91.
5. Linaugh JE. Nursing history: looking backward and seeing forward. In: Baer ED, (et. al). Enduring issues in American Nursing. New York: Springer Publishing; 2002.
6. Porto F, Oguisso T, Anna Justina Ferreira Nery. Cap 1. In: Porto F, Amorim W. 2ª ed. História da enfermagem – identidade, profissionalização e símbolos. São Caetano do Sul: Yendís; 2013. p.1-14.
7. Oguisso T, Souza Campos PF, Moreira A. Enfermagem pré-profissional no Brasil: questões e personagens. Enferm Foco. 2011;2(5 Supl):68-72.
8. American Association for the History of Nursing. Position paper – nursing history in the curriculum: preparing nurses for the 21st Century. Bull Am Assoc Hist Nurs. 2001 Sep;21.